

# **“Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas”**

## **Crônicas do 8º Encontro Intereclesial das CEBs**

*Afonso Murad*

Os encontros intereclesiais das CEBs se revestem de uma importância ímpar para a Igreja do Brasil. Reconhecidamente as Comunidades Eclesiais de Base são não somente símbolo, mas também o campo privilegiado onde se mostram as feições da Igreja dos pobres. Por isso cada encontro ao mesmo tempo que sinaliza os passos da caminhada realizada nos últimos anos, desentranhando aspectos não tão visíveis, explicita desafios e impulsiona novas práticas. É um grande concílio dos leigos pobres da Igreja do Brasil. Importam pouco as conclusões intelectuais, já que não há documento final com decisões, mas simplesmente uma carta enviada às comunidades. Decisivo mesmo é o clima que se cria na preparação, realização e aprofundamento deste encontro, tendo grande valor a narração e análise do acontecimento.

### ***I. O que foi o 8º Encontro Intereclesial***

O 8º Encontro aconteceu na cidade de Santa Maria (RS), de 8 a 12 de setembro de 1992. O tema, em consonância com a celebração dos 500 anos de evangelização e da proximidade da Conferência dos Bispos em Santo Domingo, foi *Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas*. Participaram 2.238 delegados das CEBs de praticamente todas as regiões do Brasil (membros da base e agentes de pastoral), 88 representantes da América Latina, 106 evangélicos de diferentes denominações, 43 índios, além de outros convidados como

assessores, representantes de organismos de Igreja (pastorais), imprensa e centros de documentação, etc. Registrou-se a passagem de 98 bispos no correr da Assembléia. Portanto, já pelo número e qualidade da representação presente o Intereclesial se reveste de uma grande importância.

Este ímense grupo foi dividido em cinco grandes blocos, correspondentes a seguintes "subculturas": Índios (bloco São Sepé), negros (bloco Comadre Aparecida), migrantes (bloco Nosso Pai Abraão), trabalhadores (bloco Chico Mendes) e mulheres (bloco Companheira Rose). Cada dia era marcado pela oração inicial da manhã e pela celebração do final da tarde. O período da noite foi dedicado a manifestações culturais (dias 9 e 10) e celebração e partilha nos bairros que acolheram os delegados (dia 11).

Vale recordar a pauta do 8º Encontro:

Dia 8: Celebração de abertura, às 15 h.

Dia 9: "Realidade das Culturas". Cada bloco trabalhou a temática, a começar de pequenos grupos de 16 pessoas. No final da manhã aconteceram miniplenárias e após o almoço o plenário no respectivo bloco.

Dia 10: "Encontro do Evangelho com as culturas". No período da manhã houve trabalho de grupos e plenário em cada bloco, e à tarde a grande plenária com apresentação da síntese dos blocos relativa aos dois dias. No início da tarde o Deputado Aloísio Mercadante ofereceu uma clara e acessível análise de conjuntura. Ao final deste longo período aconteceu uma celebração penitencial.

Dia 11: "Perspectivas de compromissos a partir dos desafios das culturas". No período da manhã realizou-se trabalho de grupos e plenário em cada bloco. À tarde houve reunião por regionais, onde se fez uma sintética avaliação do encontro, discussão sobre o rascunho da carta final e sobre os possíveis locais do próximo Intereclesial. No fim da tarde, grande plenária sobre o trabalho da manhã.

Dia 12: Momento final com a grande plenária, no período da manhã, e caminhada e celebração final na esplanada do Santuário da Medianeira à tarde. Neste momento, somaram-se aos participantes uma grande leva de romeiros vindos de todo o Rio Grande do Sul.

## **II. Algumas facetas do Encontro**

### *1. Uma grande experiência de comunidade*

O 8º Intereclesial das CEBs reafirmou, através do próprio evento, um dos traços mais marcantes das CEBs: a fraternidade que constrói a Igreja-comunidade. Esta fraternidade se deu a perceber de muitos modos. Destacamos aqui três deles. Em primeiro lugar, o admirável trabalho comunitário, que envolveu

1.450 pessoas das equipes de serviço, mobilizando pessoas da região de Santa Maria durante dois anos. O carinho e os gestos de acolhida das comunidades locais eram visíveis em tantas coisas: nos porongos pintados pelas crianças, nas almofadas e sacolas artesanais oferecidas aos participantes, no acolhimento realizado pelas famílias que receberam os delegados para pernoite em suas casas. Além disso, grande parte da alimentação proveio das colheitas que os lavradores e pequenos proprietários destinaram para o Encontro. Foi um testemunho silencioso de diakonia, que calou fundo em todos os participantes e que contribuirá certamente para o crescimento das CEBs no Rio Grande do Sul. Em segundo lugar, a visível e contagiante alegria que fazia crer "como é bom e agradável habitar todos juntos como irmãos" (SI 133,1). Por fim, a presença dos "catadores de papel", figuras-símbolo da massa sobrando de excluídos deste país, que se organizaram recolhendo e selecionando todo o lixo seco (papel, lata e plástico) do Encontro. Portanto, a experiência fraterna e comunitária que as CEBs vivem sem estardalhaço no seu cotidiano transbordou e reluziu mais uma vez neste Intereclesial.

## *2. A eclosão das culturas oprimidas*

Com o tema das culturas oprimidas, as comunidades entraram como que "em outra onda" ou faixa de sintonia. A mudança é nítida, se confrontada com o tema do Intereclesial anterior, centrado no ecumenismo e na consciência latino-americana. O eixo básico fé-política deu lugar ao eixo fé-cultura, sem abandonar a perspectiva estrutural e social do cristianismo, que tanto marcou a caminhada das CEBs até agora. O tema das culturas oprimidas abriu a reflexão e ensanchou o horizonte da libertação. Os conflitos que surgiram durante o Encontro fizeram ver que a questão é complexa e profunda. Toca não somente as estruturas, como o faz a política, mas o coração das pessoas, a sua forma de compreender o mundo e a si próprias. Mais ainda, o tema das culturas parece que está destravando uma imensa força adormecida, com um inusitado poder de transformação.

A divisão da Assembléia em grupos temáticos favoreceu especialmente a eclosão das mulheres e dos negros. Este foi e será o traço distintivo do 8º Intereclesial. Mulheres e negros mostraram tamanha identidade, coesão de linguagem sobre pontos-chave, e espírito reivindicatório que sobrepujaram os outros grupos. As mulheres demonstraram uma grande consciência de si mesmas e de sua força, apresentando o desejo ardente de criar em todas as instâncias uma nova relação homem-mulher que supere a atual (patriarcal e machista) e expressando o pedido de reconhecimento do seu espaço na Igreja e de acesso ao ministério ordenado. Aquilo que parecia até então uma reivindicação das mulheres do Primeiro Mundo tornou-se bandeira das mulheres das CEBs do Brasil. Os negros, por sua vez, mostraram sua vitalidade através da música, do clamor, do vestir-se, do celebrar com o corpo e festejar, e da forte reivindicação de aceitação dos elementos das religiões afro como parte integrante de suas raízes culturais (ritos, horizonte de compreensão, aceitação dos líderes religio-

7

sos do candomblé e da umbanda). O depoimento inesperado, eivado de dor e desejo de reconhecimento, do Pai-de-Santo e do Pajé indígena causaram um forte impacto na assembléia e uma reação negativa em grande parte dos bispos, mas se mostrou ao final como algo positivo. No dizer da carta final do Encontro: "*Houve alguns momentos fortes de tensão e de sofrimento. Tudo o que é novo nasce com dor de parto, mas também traz alegria*". Portanto, o movimento pela valorização das culturas, reconhecendo sua identidade e relativa autonomia, foi elemento característico deste Encontro. E ele comporta sempre elementos de conversão. Por exemplo, um homem branco, delegado da base, revelou-nos, num momento de avaliação, que foi destinado a contragosto para o bloco dos negros, mas que a sua participação lá "mudou a sua cabeça", "lavou a sua alma", pois ele descobriu tantos preconceitos que carregava consigo e "aprendeu a gostar" da cultura negra.

O tema das Culturas Oprimidas traz um novo veio para a teologia da libertação, na sua dupla vertente de prática e teoria. Convoca a comunidade eclesial para novas posturas, dentro do mesmo espírito evangélico que a anima. Enriquece a linguagem pré-teológica suscitando a necessidade de usar outras categorias além das clássicas (filosofia) e das recentes (mediações sócio-analíticas). Traz novas perguntas, que do ponto de vista teológico nos faz reler os dados da Tradição e da Escritura.

Naturalmente, a reflexão sobre as Culturas Oprimidas apresentou limitações, que, em grande parte, fazem parte do processo. Citaremos algumas:

(a) *Divisão artificial*: a divisão em cinco blocos (índios, negros, mulheres, migrantes, trabalhadores) teve um bom efeito didático, mas não corresponde a categorias de mesmo nível. A questão negra e indígena remonta a povos inteiros, com raízes culturais específicas. A problemática homem-mulher atinge o âmago das relações humanas de uma forma ímpar, "migrante" diz respeito a um estado, por vezes passageiro. O trabalho, por sua vez, atinge a todos a partir do âmbito da sobrevivência e das relações de produção. Daí por que até as reivindicações de cada grupo apresentam caráter diverso: enquanto os negros e índios empenham-se pelo resgate de uma cultura esmagada e submetida ao opróbrio (olhar de referência para o passado remoto), as mulheres só podem se dirigir para o futuro, dado que não há grandes "utopias retroativas" em que se inspirar. Os migrantes, por sua vez, vivem mormente uma situação de crise de identidade, na qual nem o passado imediato nem o presente lhes servem de apoio. Além disso, a divisão em blocos, embora útil, porque ajudou a adentrar em realidades específicas, apresentou a limitação de dificultar a articulação entre as temáticas dos diferentes grupos. Por exemplo: como o trabalho atinge o negro, o índio, a mulher e o migrante? Como a discriminação contra a mulher passa pelo trabalho, nas culturas negra e indígena, e na situação do migrante, etc.

(b) *Análises idílicas*: dentro do movimento de redescoberta das culturas é natural que aquilo que até então era desprezado irrompa com intensidade. Isto traz consigo, especialmente no caso dos índios e negros, elementos idealizantes do passado. Trata-se de algo normal, que tem uma força mobilizadora em vista

da afirmação da identidade. Mas é importante que com o tempo se dê lugar a uma autocrítica das culturas. Por exemplo, uma religiosa africana observou certa vez que o negro brasileiro é diferente do africano, exemplificando a superação da estreita mentalidade tribal (responsável por conflitos raciais na África até hoje) e a atenuação do domínio do homem sobre a mulher. Uma análise abrangente das culturas negra e indígena deve levar em conta, além disso, o fato de que elas não se encontram mais em estado puro, monocromático, mas sim dentro de um contexto cultural complexo e pluridimensional.

(c) *Ausência de confronto com a cultura moderna*: a expressão "culturas oprimidas" evoca o fato de que há "culturas opressoras". Ora, quais são elas? Quando se fala do passado, alude-se ao branco europeu. E no presente, quais são as culturas opressoras? Como são opressoras, e em que sentido? Se não há clareza quanto a este aspecto, corre-se o risco de construir um discurso sobre o vazio. Mas é preciso ir mais além. Em primeiro lugar, compreender que entre culturas oprimidas e opressoras não há somente dominação e introjeção, mas também, embora em menor grau, mistura e passagem de elementos constitutivos. Em segundo lugar, utilizar outros "cortes epistemológicos" de compreensão mais ricos e complexos. Por exemplo, o da cultura popular (rural e urbana) em confronto com a cultura moderna, ou as diferentes culturas no processo civilizatório. Neste caso, não basta uma simples contraposição. Deve-se assim superar o esquema simplista de que todo o "moderno" pertence ao mundo dos opressores. Por exemplo: a consciência reivindicatória das mulheres bebeu numa vertente moderna. Há muitos valores modernos positivos que contagiam a juventude das nossas comunidades. Trata-se portanto de um acesso crítico à cultura moderna. Neste sentido, a escola (educação formal, bem como outros instrumentos "modernos") não pode estar ausente no discurso sobre a libertação das culturas oprimidas. O mesmo se diga da relação dialética entre a eficácia e a gratuidade, pessoa e grupo, planejamento e espontaneidade. Não é possível uma libertação efetiva dos oprimidos sem uma contribuição do "moderno". O uso adequado da técnica deve estar presente em várias atividades da pastoral popular, como por exemplo na confecção de um caderno de reflexão ou na organização de uma concentração.

### 3. *Um encontro celebrativo*

A partir do 6º Encontro das CEBs, ocorrido em Trindade no ano de 1986, os Intereclesiais foram assumindo uma conotação predominantemente celebrativa. O objetivo principal já não era "amarrar conclusões" como num congresso, mas celebrar a caminhada. As orações de celebrações religiosas deveriam ocupar um espaço privilegiado, considerando ainda que "celebrar" não se reduz ao momento religioso formal<sup>1</sup>. No correr do 8º Encontro aconteceram momentos celebrativos em cada bloco no início da manhã e no final da

---

1 Veja por exemplo, A. MURAD, "As Celebrações nas CEBs. Questões levantadas a partir do VI Encontro Intereclesial", *PT* 18 (1986), 383-392, e M. BARROS, "Quando Celebração e Vida se confundem. A liturgia no 7º Encontro Intereclesial das CEBs", *REB* 49, fasc 195 (1989), 535-545.

tarde, com duração média de 40 minutos. A grande assembléia teve as seguintes celebrações em conjunto: a eucaristia inicial no primeiro dia, a celebração penitencial no fim do terceiro dia, a oração da manhã organizado pelos evangélicos no último dia e a celebração eucarística final.

Houve sensíveis melhoras em muitos aspectos. Por um lado as celebrações mantiveram o clima de alegria e participação que caracterizou os encontros anteriores. Além disso, permaneceram o uso de símbolos e gestos, da Cruz e das cruzes da existência do povo oprimido, a denúncia de natureza profética e o anúncio de esperança. Por outro lado, notaram-se avanços significativos, em grande parte das celebrações, especialmente nos blocos. Destacamos:

- O uso de Salmos cantados alternando o solo e a assembléia,
- Os momentos de silêncio para acolher os símbolos e depois da proclamação da Palavra de Deus,
- As orações de louvor,
- Os gestos interpessoais de valorização do outro,
- A euforia que preparava a proclamação dos textos bíblicos.

Esta mudança foi respaldada por uma equipe de liturgia que trabalhou diligentemente tanto antes como durante o Encontro. Ela se encontrava cada noite, não simplesmente para prever uma atividade (no caso, litúrgica), mas para rezar e refletir sobre o andamento do Intereclesial, atuando junto aos grupos dos Regionais que haviam preparado as celebrações.

Enquanto nos blocos os momentos de oração foram muito ricos, talvez as grandes celebrações tenham deixado a desejar. A celebração penitencial no terceiro dia aconteceu num momento inoportuno, pois após uma longa tarde de plenário a assembléia estava exausta. A celebração final aconteceu ao ar livre depois de uma súbita chuva que aumentou a lama e umedeceu a roupa de quem ia viajar muitos quilômetros logo depois. A presença curiosa e indiscreta de um exército munido de máquinas fotográficas e câmeras de vídeo furtou parte da beleza e da concentração tanto da celebração inicial como da final. Mas mesmo assim as grandes celebrações apresentaram pontos altos. Um momento pitoresco e carregado de valor simbólico foi o ato de incensar o altar na celebração final. Em vez de tradicionais coroinhas ou seminaristas, homens brancos vestindo seus paramentos, carregando numa cadência reservada o já conhecido turíbulo, apareceram mulheres leigas descalças, negras e mestiças, com vestes coloridas, que num ritmo alegre e respeitoso faziam exalar incenso de seus rudimentares turíbulos de lata. Sinal esperançoso do nascimento de uma liturgia com traços das culturas mestiço-latino-americanas?

### **III. Desafios para a caminhada das CEBs a partir do 8º Encontro**

#### *1. Inculturação na perspectiva das culturas oprimidas*

O 8º Encontro apenas acenou para uma longa tarefa a ser realizada: criar os traços de um cristianismo com rosto mestiço-latino-americano. A expressão

pode soar como um chavão, mas comporta uma imensa complexidade. Trata-se de resgatar os valores das culturas oprimidas, integrando ao mesmo tempo a tradição ocidental da Igreja, e a contribuição da modernidade. Para isso, é necessário uma atitude de Kénosis, de grande despojamento, de olhar com humildade o "sincretismo" que já foi assimilado pela nossa versão do catolicismo ocidental, em vez de considerar como sincrético apenas as manifestações que vêm de fora, como da cultura negra. O discurso de Dom José Maria Pires, um bispo negro e muito respeitado no Brasil, após a intervenção vulcânica do Pai-de-Santo durante o Intereclesial, talvez ilustre bem em que consiste esta atitude.

A comunidade eclesial só pode viver inculturada, pois somente assim ganha corpo tanto a formulação da fé como a sua expressão cultural e litúrgica. Esta inculturação por um lado é a condição de possibilidade de realização do cristianismo, e por outro limita a sua imensa e polifacética capacidade de expressão e efetivação. Daí por que toda vez que a Igreja assume uma nova realidade cultural, passa por uma desabsolutização do relativo, e faz um esforço de ir ao central da fé. O primeiro grande esforço de inculturação já se deu nos seus inícios. O cristianismo de origem judaica teve de se despojar de muitos elementos culturais (e até religiosos), alguns extremamente arraigados, como a circuncisão e o sábado. Quando lemos os Atos dos Apóstolos ou as cartas paulinas, mal imaginamos quão difícil e doída foi esta passagem. Hoje a Igreja passa por desafios enormes de inculturação, e não somente na América Latina. Basta citar, por exemplo, as tentativas de reler os dados da fé cristã no contexto cultural da Índia ou da China.

Inculturação da fé na ótica dos oprimidos não significa aceitar de forma ingênua tudo o que vem deles. Há uma tarefa de discernimento constante a ser realizado, no interior mesmo da comunidade eclesial. Deve-se em primeiro lugar aceitar, mas também criticar e "elevar" as culturas. O Evangelho traz algo de novo, senão ele não seria, como o próprio termo diz, "boa nova". Evitam-se assim dois extremos: confundir o Evangelho com as suas expressões culturais até então hegemônicas (colonialismo religioso), ou em nome do respeito às culturas negar-se a perguntar pela contribuição libertadora do cristianismo (insossar o Evangelho). Trata-se de desentranhar e desenturvar as manifestações da graça e do pecado presentes tanto nas tradicionais culturas oprimidas (negros e índios) como nos novos movimentos de autonomia, como o das mulheres, em vista de um processo libertador, de criação da nova humanidade.

Tarefa ainda mais difícil, porém inadiável, é confrontar os elementos da cultura popular (e na verdade, pouco se sabe o que se esconde debaixo desta tão ampla expressão) com a cultura moderna (outra expressão que merece longo estudo). Trata-se de manter a opção pelos pobres, partir de seu lugar social, escutar seus clamores e resgatar a sua força histórica e evangélica, mas ao mesmo tempo superar o "populismo pastoral". Isso é, integrar os elementos positivos do moderno, como a "cultura racional", o valor da subjetividade, a técnica nas suas múltiplas utilizações, o uso de instrumentos complexos que exigem planejamento e recursos financeiros, etc.

## 2. Tarefas específicas

a. *As comunidades* compete, além do que já foi citado acima, reintegrar, conservando a autonomia relativa, aquilo que foi setorizado no 8º Encontro. As CEBs não são o movimento negro nem grupo de mulheres, embora as mulheres sejam maioria nas comunidades, e os negros têm uma participação massiva em muitas regiões do país. Além disso, cabe às comunidades, sensíveis às diversas manifestações culturais, experimentar e consolidar novas formas de expressão litúrgica.

b. Os *pastores* têm uma tarefa insubstituível. Como educadores do povo de Deus, dão sua contribuição no processo de discernimento e encarnação do Evangelho nas culturas. Superando a "pedagogia apressada" e o espírito de tutela, reconhecem nas comunidades a possibilidade de errar, e de fazer deste erro caminho para uma verdade mais plena. Atualmente vivemos em meio a uma paradoxal situação. Por um lado, as declarações do Papa João Paulo II sobre a inculturação da fé são animadoras. Mas muitas instâncias institucionais não têm demonstrado simpatia pelo pluralismo cultural e pela criatividade nas Igrejas particulares. É natural e compreensível que neste contexto haja uma grande preocupação em evitar conflitos institucionais e manter o "espírito de corpo", especialmente diante da ameaça desintegradora da "pós-modernidade". Mas isto traz um sério risco: o deslocamento progressivo dos interlocutores privilegiados. Passa-se a escutar e a falar não com o povo das comunidades, mas com entidades projetadas, não reais. A primeira entidade abstrata seriam "as CEBs", algo já pronto e estruturado. Ora, o que existem são comunidades concretas, povo de Deus a caminho, marcadas pela finitude, o pecado e a graça. Quanto mais os pastores se aproximarem cotidianamente das CEBs concretas, mais estas experimentarão o benefício de sua presença. E o bispo, por sua vez, conhecerá mais de perto a vida das comunidades, sentindo-se Igreja com elas. A segunda entidade projetada seriam as possíveis reações negativas das instâncias institucionais da Igreja fora do Brasil diante das novas trilhas que se abrem aqui. Ora, se estas passam a ser o interlocutor privilegiado, lentamente se perde a espontaneidade e a audácia. As novidades desinstaladoras, certamente ambíguas e ambivalentes, tendem a ser temidas e evitadas.

Para a caminhada das CEBs vai ser peremptória a atitude dos bispos a partir de agora. As comunidades esperam deles atitude firme e corajosa de pastores que acreditam e fazem acreditar na ação do Espírito de Deus que nos conduz por caminhos inusitados.

c. Os *teólogos e as teólogas* têm um grande trabalho a realizar. O tema das culturas oprimidas é um campo onde há muito que se explorar. Algumas tarefas seriam: fornecer elementos para auxiliar a compreensão da relação fé-cultura, ajudar a mostrar o caráter sincrético e encarnatório do cristianismo ocidental hegemônico, adentrar-se nas religiões afro-ameríndias; explicitar como se dá a interdependência entre a cultura, a religião em geral e a fé cristã, estudar a função do ministério ordenado e dos outros ministérios em confronto com as reivindicações das mulheres, recuperar um discurso des-patriarcalista na teologia, etc.

### *3. Outras questões para o próximo Intereclesial.*

#### *a. Buscar melhor integração entre celebrativo e discursivo.*

Os intereclesiais assumiram a faceta de "encontros celebrativos", e têm desempenhado bem este papel. No entanto, nota-se sempre uma insatisfação dos participantes, que gostariam de aprofundar mais os assuntos em questão. Argumenta-se, em contra-resposta, que isto é impossível, dada a enorme quantidade de gente. Para discutir e aprofundar um assunto seria necessário um grupo mais reduzido. O último Intereclesial mostrou, no entanto, que é possível criar um espaço onde as pessoas possam relatar suas experiências e discutir sua vida. Os pequenos grupos de 16 pessoas funcionaram bem, em muitos blocos. O problema acontecia na passagem dos grupos para os miniplenários ou plenários. Isso se deu por vários motivos. Um deles é que as pessoas da base têm dificuldade de passar do narrativo para o sintético. Dificilmente as sínteses conseguem recolher a riqueza da discussão. Dever-se-ia, por exemplo, retomar o uso de outros mecanismos que não fossem simplesmente a síntese escrita, como o teatro, o cartaz, etc. Os artistas populares ou "assessores artistas" poderiam ajudar o povo a se expressar melhor. Por vezes as perguntas não foram adequadas, dificultando, em vez de ajudar a fluir a discussão. Por fim, a contribuição dos assessores deixou a desejar. Embora houvesse uma "tropa qualificada" deles, faltou articulação entre os assessores de cada bloco. O sistema de condução dos trabalhos foi muito organizado, mas não deixava espaço para tempestivas intervenções que ajudariam a avançar a reflexão. Além disso, alguns assessores não eram especializados no tema para o qual foram destinados. É certo que os Intereclesiais não são um curso ou congresso. Mas não se pode frustrar os líderes de comunidade que ali estão, preocupados em compreender melhor e aprofundar a sua prática.

*b. Criar espaço para se confrontar com outros problemas que atingem as CEBs.* O fato de cada Intereclesial se deter sobre um tema específico, que é trabalhado anteriormente, discutido em grupos e assembléias em nível parquial, diocesano e regional, ajuda a abrir novas trilhas. Mas por vezes se tem a impressão de que um assunto novo oblitera ou obnubila outras questões básicas que as comunidades estão experimentando. Por exemplo, não se pôde perceber, a partir do 8º Encontro, como as CEBs estão vivendo a catequese, que passos foram dados para envolver mais os jovens, como estão reagindo diante do avassalador afluxo dos movimentos espiritualistas de caráter conservador, em que consiste a "crise das CEBs", etc.

Esperamos que o pós-8º Encontro ajude a caminhada das comunidades, novo jeito de ser Igreja, como diz o canto entoado com efusiva alegria durante o Intereclesial:

"Neste país da América Latina/ o trem das CEBs vai aparecer/  
E cada vagão que se une/ é sinal que as CEBs vão sempre crescer".

**Afonso Murad FMS** é doutor em teologia pela Universidade Gregoriana (Roma). Professor de teologia sistemática na Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte-MG). Membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional. Vice-Provincial da Província Marista do Rio de Janeiro.

**Endereço:** Rua Francisco Behring, 81 — 31550-060 Belo Horizonte-MG